

Processos educativos com adolescentes: reflexões sobre a educação familiar e a pedagogia do ócio

Educational processes with teenagers: reflections on family education and Pedagogy of Leisure

José Clerton de Oliveira Martins¹

Fabiana Neiva Veloso Brasileiro²

Francisco Antonio Francileudo³

Resumo

As relações familiares na adolescência são influenciadas não apenas pelas transformações do adolescente e pelos modelos de educação adotados na relação pais e filhos, mas também pelas interações, expectativas e tarefas que a família é confrontada, durante esse período. Este estudo descreve os modelos de educação adotados por pais e mães de filhos adolescentes e a relação entre estes e a percepção de liberdade e de autonomia dos membros da família. O estudo teve por objetivo apresentar a relação entre a pedagogia do ócio e os modelos de educação adotados por famílias com filhos adolescentes. A metodologia utilizada foi quantitativa e qualitativa. Participaram deste estudo 177 sujeitos, sendo que apenas 6 participaram da etapa qualitativa. Os sujeitos da pesquisa foram pais, mães e filhos adolescentes entre 12 e 16 anos de um mesmo núcleo familiar que foram convocados, de forma aleatória, para participar da pesquisa. Os dados quantitativos foram colhidos através de questionário e analisados através do SPSS e os dados qualitativos foram colhidos através de entrevista e analisados com base na análise de conteúdo proposta por Bardin. Percebemos que os adolescentes parecem reivindicar cada vez mais momentos de ócio, autonomia e liberdade para a execução de

¹ Doutor em Psicologia pela Universidad de Barcelona/España; Pós Doutorado/CAPES em Leisure Studies pela Universidad de Deusto/España. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR (Universidade de Fortaleza), Fortaleza-CE.

² Mestre em Psicologia pela UNIFOR. Doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR. Professora da Universidade de Fortaleza-CE.

³ Mestre em Psicologia pela UNIFOR. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR, Fortaleza-CE. Professor da Faculdade Católica de Fortaleza-CE.

Contatos: jclertonmartins@gmail.com, fabianaveloso@unifor.br, fafleudo@gmail.com

atividades consideradas por eles satisfatórias. Em suma, práticas educativas orientadas pela pedagogia do ócio possibilitam: vivências realizadas livremente pelo indivíduo em um tempo com significado subjetivo e que não sejam marcadas por estilos educativos muito restritivos, nem hiperpermissivos.

Palavras-chave: Famílias. Adolescentes. Pedagogia do ócio.

Abstract

Family relationships in adolescence are influenced not only by the transformations of the adolescent and the education models adopted in the parent-child relationship, but also by the interactions, expectations and tasks that the family is faced during this period. This study reports the models of education adopted by parents of teenage children and the relationship between them and the perception of freedom and autonomy of family members. The study presents the relationship between Pedagogy of Leisure and education models adopted by families with teenage children. The methodology was qualitative and quantitative. Quantitative data were collected through a questionnaire and analyzed using SPSS and qualitative data were collected through interviews and analyzed using content analysis proposed by Bardin. We realized that educational practices that enable the leisure experiences are made freely by the individual at a time with subjective meaning and the styles do not fit very restrictive educational not hiper permissives.

Keywords: Families. Teens. Pedagogy of leisure.

Introdução

A adolescência, enquanto construção cultural da modernidade é parte integrante da evolução das famílias na nossa sociedade. A entrada dos filhos na adolescência requer adaptações na função e na organização da família que, deve se transformar de uma estrutura que protege e nutre os filhos pequenos em uma nova que, além dessa função, assuma também a preparação para a entrada do adolescente no mundo das responsabilidades e dos compromissos adultos.

A família determina as primeiras relações sociais, assim como os contextos onde ocorre a maior parte das aprendizagens iniciais que efetuamos, acerca das pessoas, situações e capacidades individuais. A influência formativa das aprendizagens iniciais talvez explique por que a família afeta muitas das nossas relações e tarefas na adolescência e na vida adulta.

Sprinthal e Collins (2003) argumentam que o modo habitual como os pais exercem a sua autoridade, durante a infância, influencia os filhos em termos sociais e emocionais. Os modelos parentais de educação, raramente sofrem alterações, à medida que as crianças se tornam adolescentes. Os métodos educativos, habitualmente utilizados pelas famílias, permanecem quase sempre os mesmos, ao longo das diversas faixas etárias que os filhos atravessam.

Alterações familiares podem ocorrer à proporção que os filhos vão entrando na adolescência, todavia essas modificações não se relacionam somente com o estilo educativo da família, mas também com padrões específicos de interação entre seus membros, relacionados ao ciclo vital da família. Por conseguinte, as relações familiares na adolescência referem-se às alterações que ocorrem como consequência não apenas das transformações do adolescente, mas também das interações, expectativas e tarefas com que a família é confrontada, durante o mesmo período de tempo.

Este estudo tem como objetivo compreender a relação entre pedagogia do ócio e os estilos de educação adotados por famílias com filhos adolescentes, considerando que a percepção de liberdade e a motivação são fatores importantes para a experiência de ócio e que o ócio parece ser reivindicado por muitos jovens na sociedade contemporânea.

1 O ciclo vital na família: a família com filhos adolescentes

Carter e MacGoldrick (2001) consideram essencial o conhecimento do ciclo vital da família para o entendimento dos problemas emocionais que os membros de uma família desenvolvem, à medida que se movimentam juntos através da vida. Na fase da família com filhos adolescentes, as fronteiras familiares devem ser mais flexibilizadas, no sentido de negociar mais independência para os filhos adolescentes, que precisam movimentar-se para dentro e para fora do sistema, e entender as fragilidades dos avós que necessitam de mais cuidado. É neste momento, também, que o casal apresenta novo foco para as questões conjugais e profissionais do meio da vida, normalmente é o momento em que explodem satisfações e insatisfações pessoais, profissionais e conjugais.

Sprinthal e Collins (2003) afirmam que as relações familiares na adolescência referem-se às alterações que ocorrem como consequência não apenas das transformações do adolescente, mas também das interações, expectativas e tarefas com que a família é confrontada, durante o mesmo período

de tempo. Adolescentes tendem, assim, a assimilar as características do contexto familiar e a passar por essa fase com maior ou menor grau de estresse, desejando definir melhor sua identidade.

Preto (2001) argumenta que, por serem intensas, as demandas adolescentes frequentemente servem como catalisadores para reativar questões emocionais. A busca por maior autonomia e independência por parte do adolescente, muitas vezes, faz aflorar conflitos não-resolvidos entre os pais e os avós, ou entre os próprios pais, os quais podem sentir o medo da perda ou da rejeição do próprio filho.

Quando um adolescente entra em conflito com um dos pais, os pais, nos esforços para diminuir a tensão, freqüentemente, repetem antigos padrões de relacionamento da sua família de origem. Levinsky (1998) afirma que muitas características da própria adolescência dos pais vêm à tona nesse período e não raro se confundem com atitudes psicológicas e ações semelhantes às dos filhos adolescentes, como sentimentos contraditórios, ambivalentes e de onipotência.

Maldonado (2004) considera também que muitas dificuldades que os pais tiveram quando jovens são “reeditadas” no contato com os filhos. Tensões e dificuldades da vida atual, no trabalho e no casamento, também transparecem na relação com os filhos, podendo intensificar problemas ou ampliar a noção de solidariedade da família, uma vez que os pais podem se tornar mais abertos ao diálogo com os filhos, escutar mais as suas opiniões e explicações e negociar suas diferenças e acertos.

Segundo Benetti (1990), Preto (2001) e Carter e MacGoldrik (2001), na maior parte das famílias, quando os filhos chegam à adolescência, os pais estão atingindo a meia-idade, fase crítica da vida: é a altura em que fazem seu primeiro balanço provisório da sua existência e são obrigados - pela idade e pelos filhos - a rever seus ideais, metas e ambições, as concessões que por vezes foram obrigados a fazer. O filho adolescente poderá levar os pais a tomar consciência do declínio existencial e sexual.

Para Cabié (1999), cada um tem de reencontrar um novo lugar, um novo papel e rever seus investimentos no mundo exterior. A autonomia do adolescente é complementar à dos pais, pois eles também têm de redefinir a sua identidade e se separar dos filhos. Em alguns casos, as dificuldades de um adolescente afastam os pais de seus próprios problemas existenciais, impedindo

que a família evolua para a fase seguinte, haja vista que toda a atenção está concentrada no adolescente.

Cabié (1999), Carter e MacGoldrick (2001) argumentam que as fases do ciclo vital familiar correspondem a períodos de estabilidade na família, até que surjam novas necessidades nos seus membros e seja necessária uma transformação para atendê-las.

2 Modelos de educação

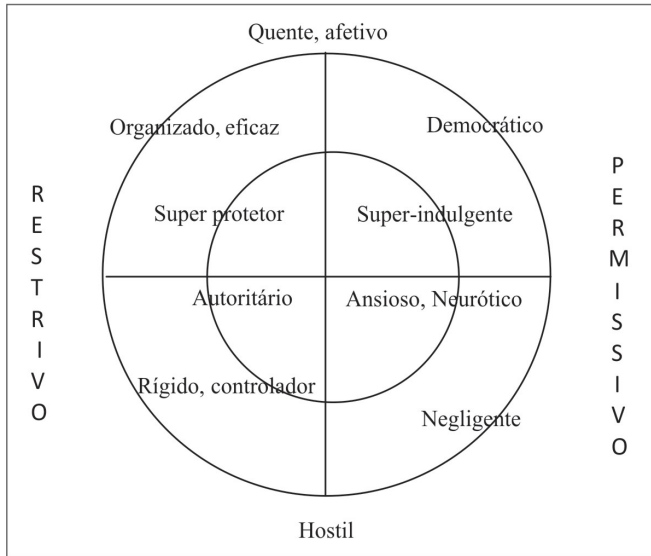
Ellis (1995) descreve os vários modelos de educação que os pais desenvolvem diante das situações cotidianas que envolvem seus filhos. Para tanto, utilizamos uma classificação que envolve três dimensões ou categorias de comportamentos opostos.

A primeira dimensão é a do calor “versus” hostilidade. Pais calorosos são descritos como cuidadosos, afetuosos, positivos, acolhedores, voltados para os filhos e mais abertos a usar argumentos e explicações quando os filhos se comportam mal. Pais hostis são irritados, punitivos, duros, rejeitadores e críticos na maior parte do tempo em que interagem com seus filhos.

A segunda dimensão, da criação restritiva “versus” criação permissiva, envolve pais restritivos, que são percebidos como altamente controladores, a todo tempo exigindo que os filhos cumpram normas e regras rigorosas e que sejam extremamente obedientes. De outro lado são pais permissivos, altamente despreocupados e incoerentes, contraditórios em relação a regras e a normas.

A terceira dimensão é a do envolvimento emocional ansioso “versus” desapego tranquilo. Pais com alto envolvimento emocional com os filhos são muito sensíveis ao que estes sentem em relação a eles e mantêm uma relação simbiótica⁴ com os filhos, querendo que eles lhes façam confidências. Os pais desapegados percebem os filhos como pessoas independentes e estabelecem limites mais claros nas relações com eles. Segundo Ellis (1995), é a partir da combinação destas dimensões que resultam os modelos de educação que podem ser melhor entendidos através do diagrama desenvolvido, em 1964, por Wesley Becker, que combina todas as dimensões

⁴ Diz respeito à vida em comum com os outros. Termo relativo à biologia, associação de duas plantas ou de uma planta e de um animal, na qual ambos os organismos recebem benefícios ainda que em proporções diversas.



Círculo interno: Envolvimento emocional ansioso

Círculo externo: Distanciamento calmo

Figura 1 - Modelo Circular de Estilo de Educação de Filhos

Os modelos de educação mais restritivos estão à esquerda. Ali encontramos: pais rígidos e controladores, que são mais hostis e distantes em relação aos filhos. Os pais autoritários, hostis e controladores, mas emocionalmente envolvidos, pois se encontram perto do círculo interno; os pais superprotetores que além de serem calorosos são também muito envolvidos emocionalmente. Os pais organizados e eficazes estão mais do lado controlador, mas não deixam de ser calorosos e adequadamente desapegados, já que se encontram também no quadrante superior, perto do círculo externo.

À direita estão os modelos de educação mais permissivos. Pais que são permissivos, embora hostis e desapegados, são descritos como negligentes. Pais ansiosos e neuróticos combinam permissividade com hostilidade e envolvimento emocional ansioso. O modelo de educação muito tolerante, ou superindulgente, une permissividade, calor e envolvimento emocional ansioso.

Atitudes permissivas combinadas com calor e mais desapego compõem o estilo democrático.

Esses fatores podem ser facilmente percebidos, combinados ou não nas relações de pais e filhos no dia a dia. Quanto mais esses fatores estiverem presentes na vida familiar, melhor será a estruturação da personalidade do adolescente, que tenderá ao equilíbrio e à harmonia. Servirão de fundamento para a análise e a discussão dos dados da pesquisa os modelos de educação mencionados por Ellis (1995), uma vez que pretendemos, neste estudo, compreender a relação entre pedagogia do ócio e os estilos de educação adotados por famílias com filhos adolescentes.

3 A pedagogia do ócio na prática educativa

Conforme Cuenca (2004), o ócio deve ser entendido como um modo de ser e de perceber determinada atividade, como um âmbito da experiência humana, determinada pela atitude com que se leva a cabo uma ação.

Para Puig e Trilla (2004), uma situação de ócio é criada quando o homem, durante o seu tempo livre, decide livremente suas vivências, onde as mesmas lhe proporcionam prazer e satisfaz necessidades pessoais como descansar, se divertir ou se desenvolver. Para além dessa proposição, no entender de Cuenca (2003, 2004), o ócio é uma área de experiência; um recurso de desenvolvimento geral; uma fonte de saúde e de prevenção de enfermidades; um direito humano. Viver o ócio é estar consciente da não obrigatoriedade e da finalidade não utilitária de uma ação externa ou interna, tendo esta sido eleita em função da satisfação íntima que proporciona. É vivência, consciência, ação e contemplação.

O ócio se apresenta para nós com um infinito leque de possibilidades, importantes para o processo formativo e de conhecimento, especialmente, quando a finalidade é educativa (CUENCA, 2004). Historicamente a compreensão do que seja uma educação para o ócio não apresenta uma visão unívoca (MARTINS, 2008). Autores como Cuenca (2004), De Masi (2000), Puig e Trilla (2004) concordam que a educação para o ócio é a denominação de um processo que se aplica tanto a aspectos relacionados com o sistema educativo, com a família e com as atividades juvenis, com a grande variedade de serviços relacionados com a experiência de ócio e em outros meios de organizações da comunidade.

E, neste sentido, essa forma de educar (CUENCA, 2004) tem a ver com a pedagogia do ócio. É um processo que se estende ao longo de toda a vida,

porque a experiência de ócio é um processo que deve evoluir o ser humano, de acordo com suas necessidades, capacidades e experiências. Seu objetivo é aumentar o potencial humano para viver experiências de ócio de qualidade.

Puig e Trilla (2004) afirmam que a educação mediante a pedagogia do ócio é aquela dirigida a objetivos relacionados com a liberdade, a autonomia, a motivação intrínseca e extrínseca, que podem ser realizadas em períodos de tempo livre ou em âmbitos que não são estritamente de ócio.

A educação para o ócio adquire sentido a partir de um modo de entender o ócio autotélico e sua educação. Para Cuenca (2004, p. 84), o ócio é “uma experiência integral da pessoa e um direito fundamental, uma experiência humana completa (direcional e multidimensional), centrada em atuações queridas (livres e satisfatórias), autotélicas (com um fim em si mesmas) e pessoais (com implicações individuais e sociais)”.

Partindo desse modo de entender o ócio, consideramos que a educação para o ócio é uma área específica da educação geral, cujo objetivo é contribuir para o desenvolvimento, a melhora e a satisfação vital das pessoas e das comunidades através de conhecimentos, de atitudes, de valores e de habilidades relacionadas com o ócio. Sendo assim, quando se assume o ócio como um âmbito do desenvolvimento humano, a educação para e através do ócio se tornam uma necessidade (CUENCA, 2004).

4 Aporte metodológico

A metodologia utilizada foi quantitativa e qualitativa. Participaram deste estudo 177 sujeitos, sendo que apenas 6 participaram da etapa qualitativa. Os dados quantitativos foram colhidos através de questionário estruturado e analisados através do SPSS e os dados qualitativos foram colhidos através de entrevista semi estruturada e analisados com base na análise de conteúdo proposta por Bardin. Trabalhamos com a triangulação metodológica. Minayo (2003, p. 241), considera que a triangulação é uma forma eficiente de validação da análise e afirma que “consiste na combinação e cruzamento de múltiplos pontos de vista, através do trabalho conjunto de vários pesquisadores, de múltiplos informantes e múltiplas técnicas de coleta de dados”.

A pesquisa foi realizada com adolescentes, de escola da rede particular de ensino da cidade de Teresina-PI, bem como com seus pais. Os sujeitos da

pesquisa foram pais, mães e filhos adolescentes de um mesmo núcleo familiar que foram convocados, de forma aleatória, para participar da pesquisa.

Todos os pais de alunos entre 12 e 16 anos (aproximadamente 280 alunos), que estivessem de acordo com os critérios de inclusão, foram informados da realização da pesquisa e convidados a participar através de correspondência informativa.

Os sujeitos eram orientados para que os questionários fossem respondidos individualmente. Os filhos responderam aos questionários na própria escola, com o objetivo de obtermos o máximo de fidedignidade nas informações, cujo sigilo foi garantido a todos os participantes.

Os critérios de inclusão foram estabelecidos de acordo com a definição simplificada de família que escolhemos para este estudo, uma vez que estamos cientes da amplitude do conceito de família em nossa sociedade. Família foi definida como sendo uma unidade de convivência composta por um casal heterossexual, com pelo menos um filho, que pode ser biológico ou não, todos vivendo sob o mesmo teto, não importando se os pais são casados ou não e a idade que tenham.

5 Resultados

Apresentamos os resultados dos questionários referentes às práticas educativas vivenciadas na família. Analisaremos os dados relativos às mães, aos pais, às filhas e aos filhos. O total de 55 famílias respondentes do questionário se desdobra em 177 sujeitos, sendo 55 mães, 55 pais, 39 filhas mulheres e 28 filhos homens. Observamos que a amostra estudada é constituída, na maioria, por pais jovens: mães (33 a 52), média de 40 anos; pais (35 a 79), média de 45 anos. Os adolescentes pesquisados inscrevem-se na faixa etária de 12 a 16, média de 14 anos.

Quanto à escolaridade, a maior parte dos pais e mães possui escolaridade de nível superior completo. A renda média apresentada pelas famílias que participaram da pesquisa e que responderam a este item do questionário (47 famílias) corresponde a 30,5 salários.

Tabela 1 – Macrocategoria - Práticas educativas e autonomia

	Mãe		Pai		Teste ρ	Filha		Filho		Teste ρ
	N	%	N	%	10,20 ¹ 0,022 ²	N	%	N	%	7,46 ¹ 0,113 ²
Ausente	-	-	-	-		1	2,6	3	10,7	
Pouco	2	3,6	11	20,0		4	10,3	4	14,3	
Médio	6	10,9	11	20,0		12	30,8	3	10,7	
Muito	42	76,4	30	54,5		17	43,6	17	60,7	
Totalmente	5	9,1	3	5,5		5	12,8	1	3,6	
Total	55	100,0	55	100,0		39	100,0	28	100,0	

1 - χ^2 qui quadrado2 - ρ de Fisher-Freeman-Halton

Observamos que há diferença na forma de pensar de pais e mães ($\rho = 0,022$). Em relação à macrocategoria Práticas Educativas e Autonomia, percebemos que a maior parte das mães (76,4%) estabelecem muitos limites, agem com muito controle em relação às decisões tomadas pelo filho, enquanto que apenas 54,5 % dos pais agem desta forma. Apenas 3,6 % das mães e 20 % dos pais concordam que se deva agir com poucos limites. Dessa forma, as mães demonstram, em relação aos pais, controlar mais as decisões dos filhos.

Entre os filhos, também parece não existir diferença significativa na maneira de pensar entre homens e mulheres ($\rho = 0,113$). Quase metade das filhas mulheres (43,6%) e mais da metade dos filhos homens (60,7%) constata que vivenciam muitos limites, que os pais agem com muita rigidez. Apenas algumas filhas mulheres (30,81%) e poucos filhos homens (10,7%) demonstram que os limites recebidos são medianos, nem tão rígidos nem tão permissivos quanto à autonomia. Observamos que as mães são mais rígidas que os pais em relação à imposição de limites para esta categoria e que os filhos homens se percebem mais limitados que as filhas mulheres.

Tabela 2 - Microcategorias que compõem a macrocategoria práticas educativas e autonomia.

	Mãe		Pai		Teste ρ	Filha		Filho		Teste ρ
	N	%	N	%		N	%	N	%	
Tomada de decisões					6,65¹ 0,110²					0,005¹ 0,999²
Ausente	-	-	1	1,8		4	10,3	3	10,7	
Pouco	12	21,8	22	40,0		12	30,8	9	32,1	
Médio	23	41,8	21	38,2		11	28,2	7	25,0	
Muito	20	36,4	11	20,0		12	30,8	9	32,1	
Totalmente	20	36,4	11	20,0		12	30,8	9	32,1	
Total	55	100,0	55	100,0		39	100,0	28	100,0	
Escolha pessoal					12,17¹ 0,016²					2,26¹ 0,609²
Ausente	2	3,6	4	7,3		3	7,7	3	10,7	
Pouco	3	5,5	12	21,8		5	12,8	7	25,0	
Médio	12	21,8	18	32,7		13	33,3	8	28,6	
Muito	23	41,8	13	23,6		13	33,3	8	28,6	
Totalmente	15	27,3	8	14,5		5	12,8	2	7,1	
Total	55	100,0	55	100,0		39	100,0	28	100,0	

1- χ^2 qui quadrado

2- ρ de Fisher-Freeman-Halton

Na microcategoria *tomada de decisão* observamos que não há diferença na maneira de pensar de pais e mães ($\rho = 0,110$). A maior parte das mães (78,2%) acredita que os limites devem ser medianos (41,8%) ou muitos (36,4%), enquanto que a maioria dos pais (78,2%) demonstra que os limites devem ser medianos, nem tão rígidos nem tão frouxos (38,2%) ou poucos (40,0%).

Em relação aos filhos e filhas, não observamos diferença na maneira de pensar ($\rho=0,999$). Uma mesma quantidade de filhas mulheres (30,8%) demonstra receber limites poucos, medianos e totais, equitativamente. Enquanto que 32,1% dos filhos homens demonstram receber limites poucos, medianos e totais, também equitativamente. Constatamos com isso que não há um padrão fixo para rotular os adolescentes, uma vez que há flutuação referentemente à categoria tomada de decisões.

Com relação à microcategoria *escolha pessoal*, podemos afirmar que há diferença na maneira de pensar de pais e mães ($\rho = 0,016$). Quase metade

das mães (41,8%) demonstra estabelecer muito controle sobre as decisões dos filhos, enquanto que apenas 23,6% dos pais pensam desta forma. Alguns pais (32,7%) concordam que não se deve interferir muito nas escolhas dos filhos nem deixar tão livres, agindo de forma ponderada, mediana.

Em relação aos adolescentes, não observamos diferença na maneira de pensar de filhas e filhos ($p = 0,609$). O resultado das filhas mulheres mostra que a maioria (66,6%) demonstra que recebe igualmente limites medianos (33,3%) ou muitos (33,3%), enquanto que a maioria dos filhos homens (57,2%) se encontra dividida em limites medianos (28,6%) e muitos (28,6%).

Os dados relativos à tomada de decisões e escolha pessoal podem ser comprovados através de falas das entrevistas. Vejamos a fala de uma filha: “eu mesma gosto de pedir opinião pra minha mãe pra certas coisas [...] Pra comprar a roupa eu pergunto, mas pra sair eu escolho”. (Filha - 16 anos).

E agora um filho: “eu vou com meus pais comprar roupa e eles deixam eu escolher. A roupa pode até ser, mas televisão não, também eu tenho que ter consciência daquilo que eu tô assistindo”. (Filho - 12 anos).

As falas comprovam que o grau de dependência em relação aos pais é acentuado. Ainda não garantiram a autonomia esperada, o que pode ser próprio da fase que vivenciam. Mas é na adolescência que o jovem começa a conquistar e adquirir sua autonomia, devendo, ao final dela, ter garantido esse estatuto.

Zagury (2000) argumenta que para uma pessoa ser adulta é necessário que ela se encontre em condições de tomar decisões sobre a própria vida, com total responsabilidade sobre seus atos, seja do ponto de vista emocional, afetivo, profissional e financeiro. Espera-se de pai e mãe a grande sabedoria de ir se retirando paulatinamente das decisões da vida dos filhos, para que eles possam independentizar-se.

Segundo Psathas (1957), os adolescentes sentem quando os pais manifestam certa consideração pela suas opiniões, quando são incluídos nos diálogos familiares, quando é necessário tomar decisões e se preocupam em explicar regras que impunham antes.

Através dos dados relativos à macrocategoria grau de liberdade, podemos observar a posição de pais e mães, filhos e filhas em relação ao grau de liberdade que cada um acha que o adolescente deve ter. Esta macrocategoria engloba a microcategoria *grau de liberdade*.

Tabela 3 - Macrocategoria grau de liberdade

	Mãe		Pai		Teste ρ 0,02 ¹ 0,991 ²	Filha		Filho		Teste ρ 1,73 ¹ 0,420 ²
	N	%	N	%		N	%	N	%	
Ausente	18	32,7	19	34,5		6	15,4	2	7,4	
Pouco	36	65,5	35	63,3		28	71,8	18	64,3	
Médio	1	1,8	1	1,8		5	12,8	8	28,6	
Total	55	100,0	55	100,0		39	100,0	28	100,0	

1- χ^2 qui quadrado

2- ρ de Fisher-Freeman-Halton

A microcategoria em estudo mostra o grau de liberdade que os sujeitos pesquisados, pais e adolescentes, acham que estes últimos devem ter. Pais e mães pensam de forma semelhante entre si ($\rho = 0,991$); filhos e filhas também ($\rho = 0,420$). Mais da metade das mães (65,5%) e dos pais (63,3%) concorda que os filhos devem ter pouca liberdade. A maioria das filhas mulheres (71,8%), dos filhos homens (64,3%) também acredita que a liberdade deve ser pouca. Alguns filhos homens (28,6%) e algumas filhas mulheres (12,8%) acreditam que a liberdade deve ser mediana, nem tão pouca nem em excesso. O depoimento de uma mãe entrevistada ilustra bem o pensamento em relação ao grau de liberdade que o filho deve ter. “Na visão dele eu controlo muito, demais, na minha não. Eu acho que eu estou fazendo o necessário” (MÃE). Contudo, conforme Tiba (1986), o relacionamento pais e filhos na adolescência deve evoluir para a independência.

Tabela 4 - Macrocategoria relacionamento familiar

	Mãe		Pai		Teste ρ 0,35 ¹ 0,987 ²	Filha		Filho		Teste ρ 1,169 ¹ 0,559 ²
	N	%	N	%		N	%	N	%	
Ausente	1	1,8	1	1,8		-	-	-	-	
Pouco	8	14,5	7	12,7		5	12,8	4	14,3	
Médio	26	47,3	29	52,7		15	38,5	14	50,0	
Muito	18	32,7	16	29,1		19	48,7	10	35,7	
Totalmente	2	3,6	2	3,6		-	-	-	-	
Total	55	100,0	55	100,0		39	100,0	28	100,0	

1- χ^2 qui quadrado

2- ρ de Fisher-Freeman-Halton

Em relação à macrocategoria *relacionamento familiar*, podemos observar que pais e mães pensam de forma semelhante ($\rho = 0,987$). Quase metade das mães (47,3 %) e mais da metade dos pais (52,7%) demonstram ter um nível mediano de interação familiar, enquanto que algumas mães (32,7%) e alguns pais (29,1%) demonstram ter um nível muito bom de interação.

Os resultados dos filhos adolescentes mostram que estes também têm pensamento semelhante ($\rho = 0,559$). Algumas filhas mulheres (48,7%) e alguns filhos homens (35,7%) percebem que a interação no relacionamento familiar é muito boa, enquanto que 38,5% das filhas mulheres e 50,0% dos filhos homens demonstram que a interação familiar é mediana, nem tão boa nem tão ruim.

O comportamento tende a um meio termo entre os estilos caloroso e hostil, citados por Ellis (1995). Os pais tendem a serem cuidadosos, afetuosos, positivos, acolhedores, voltados para os filhos e mais abertos a usar argumentos e explicações quando os filhos se comportam mal. Isso não significa, porém, que em outros momentos não se comportem como irritados, punitivos, duros, rejeitadores e críticos, quando interagem com os filhos. Alguns pais (29,1%) e mães (32,7%), no entanto, preferem se comportar somente de maneira calorosa, afetuosa e usar argumentos e explicações quando os filhos infringem alguns limites, alguma regra, na maior parte do tempo em que interagem com eles.

A fala de uma mãe entrevistada confirma essa tendência:

Eu sempre procuro dizer o porquê, mostrar a ele que todos os não's que eu dou né, quando ele me pede, fala alguma coisa, é sempre para o bem, mostrar a ele que eu estou sempre querendo que ele, é[...] é o bem mesmo. (N.).

Observamos que a tendência dominante por muito tempo na nossa sociedade de se designar o cuidado dos filhos e das filhas como uma tarefa materna ainda persiste na visão dos entrevistados e é comprovada através das falas.

Essa parte, como eu falei pra você, ela cuida mais da parte da educação dos meninos do que eu (PAI).

O pai só conversa o que é bom, quando tem que chamar atenção ele vem falar comigo pra eu falar com os meninos (MÃE).

Eles geralmente procuram a mim[...] Eu acho que é mais mesmo pela questão da figura materna, que a mãe reclama e [...] mas é mais carinhosa,

acolhe mais, né?[...] Eu acredito que isso seja um fator que determina a procura pela mãe (MÃE).

Considerações finais

Observamos através deste estudo que a maioria dos pais e das mães se comporta de forma muito restritiva na educação dos filhos. Apenas 3,6 % das mães e 20 % dos pais concordam que se deva agir com poucos limites. Dessa forma, as mães demonstram, em relação aos pais, controlar mais as decisões dos filhos.

Esse contexto nos leva a inferir que são poucas as práticas educativas que possibilitam aos filhos desenvolverem sua autonomia e exercitarem sua liberdade de escolha que são fatores importantes em práticas educativas que priorizem a pedagogia do ócio.

Destacamos ainda que as mães são mais rígidas que os pais em relação à imposição de limites relativos a autonomia dos filhos e que os filhos homens se percebem mais limitados que as filhas mulheres em relação a este fator.

As falas comprovam que o grau de dependência em relação aos pais é acentuado, o que se comprova através de práticas educativas que envolvem obrigatoriedade, dependência, pouca liberdade. Os adolescentes demonstram que ainda não garantiram a autonomia esperada, o que pode ser próprio da fase que vivenciam, porém é na adolescência que o jovem começa a conquistar e adquirir sua autonomia, devendo, ao final dela, ter garantido esse estatuto.

Observamos que a maior parte das mães e dos pais concorda que os filhos devem ter pouca liberdade. A maioria das filhas mulheres e dos filhos homens também acredita que a liberdade deve ser pouca. Pais e mães pesquisados, ao pensarem desta forma, dificultam o processo de conquista da autonomia do filho, uma vez que o relacionamento pais e filhos na adolescência deve evoluir para a independência.

Através dos resultados, constatamos que pais e mães demonstram realizar práticas educativas medianas, oscilam entre os comportamentos restritivos e permissivos, em relação a regras e limites. Utilizam, por vezes, muitos controles e estão, a todo o tempo, exigindo que os filhos cumpram normas e regras rigorosas e que sejam extremamente obedientes. Em outros momentos, porém, chegam a ser despreocupados e contraditórios em relação a regras e a normas,

estão em busca de um meio termo, como pode ser ilustrado com trechos das entrevistas:

Por algum tempo eu percebi que eu estava assim, muito, estava pressionando muito. Então ele chegou ao ponto de esconder prova, ocorrência, ele sentiu um terror, na verdade, quando ele tinha que dizer alguma coisa para mim[...] hoje eu já percebi, conversando que, nós também cometemos muitos erros, então eu comecei a passar para ele que a responsabilidade é dele, né [...] que eu estou ali para orientá-lo.

O ethos da pedagogia da educação para/pelo o ócio estrutura-se a partir de um eixo que deve centrar-se em fatores como: sentir-se livre para realizar escolhas autônomas e próprias, onde os adolescentes se sintam implicados com as escolhas realizadas e possam expressar seus desejos no âmbito da liberdade subjetiva.

As práticas educativas que possibilitem vivências de ócio, como um fenômeno humano, estão relacionadas com outros âmbitos da vida que podem afetar positivamente as relações de trabalho, familiares, sociais e afetivas.

Práticas educativas que não contemplam vivências de ócio podem empobrecer a personalidade, diminuir a capacidade produtiva e criativa nas relações dos adolescentes no âmbito familiar, intersubjetivo e social. Essa complexidade exige que os pais e as mães analisem aspectos que constituem o todo da prática educativa, como tempo, atitude, atividades, etc.

Embora não tenha sido observado no estudo realizado, no contexto societário contemporâneo, os adolescentes parecem reivindicar cada vez mais momentos de ócio, autonomia e liberdade para a execução de atividades consideradas por eles satisfatórias. Assim sendo, práticas educativas que possibilitem o ócio requerem dispor de um tempo livre, não ocupado por atividades obrigatórias, regras e limites que impedem a autonomia, a liberdade de escolha e a motivação para obtenção da satisfação pessoal e de desfrute nas atividades realizadas. Em suma, práticas educativas orientadas pela pedagogia do ócio possibilitam: vivências realizadas livremente pelo indivíduo em um tempo com significado subjetivo e que não sejam marcadas por estilos educativos muito restritivos, nem hiperpermissivos.

Referências

- BENETTI, R. G. *Adolescência: notas de psicologia*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- CABIÉ, M. C. Adolescência e ciclo familiar existencial. In: GRAMMER, C.; CABIÉ, M. C. *Adolescência e crise familiar*. Lisboa: CLIMEPSI, 1999. p. 15-30.
- CARTER, E.; MACGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- CUENCA, M. C. *Ócio humanista: dimensiones y manifestaciones actuais del ocio*. Bilbao: Instituto de Estudios de Ócio/Universidad de Deusto, 2003. (Documentos de Estudios de Ocio, n. 16).
- CUENCA, M. C. *Pedagogia del ocio: modelos y propuestas*. Bilbao: Universidade de Deusto, 2004.
- DE MASI, D. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- ELLIS, E. *Educando filhos responsáveis*. São Paulo: Ática, 1995.
- LEVINSKY, D. L. *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- MALDONADO, M. T. *Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir*. 27. ed. São Paulo: Saraiva, 2004.
- MARTINS, J. C. O. Educação para o ócio no trabalho: potencializando sujeitos para a vida. In: CUENCA, M. C.; MARTINS, J. C. O. (Org.). *Ócio para viver no século XXI*. Fortaleza: As Musas, 2008. p. 219-248.
- MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-30.
- PRETO, N. G. Transformação do sistema familiar na adolescência. In: CARTER, E.; MACGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. p. 223-245.
- PSATHAS, G. Ethnicity, social class, and adolescent independence form parental control. *American Sociological Review*, Aliso Viejo, v. 22, n. 4, p. 415-423, 1957.

PUIG, J. M.; TRILLA, J. *A pedagogia do ócio*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SPRINTHALL, N. A.; COLLINS, A. W. *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

ZAGURY, T. *O adolescente por ele mesmo*. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Data da submissão: 20/08/2013

Data do aceite: 14/10/2013